

A Consagração de Uma Escola

Manuel Cardoso de Oliveira
Serviço de Cirurgia B, Hospital de S. João, Porto

O novo Serviço de Cirurgia B (resultante da fusão dos antigos Serviços de Cirurgia 3 e de Cirurgia 4) está a funcionar desde 30 de Janeiro de 2002. Nele paira a personalidade inconfundível do Prof. Joaquim Bastos, chefe de escola, cuja obra resistiu ao tempo continuando a afirmar-se. A fusão dos dois serviços processou-se na mais completa serenidade e todos interpretamos com alto sentido de responsabilidade as novas tarefas, em contraste com as dificuldades e hesitações que frequentemente se manifestam nestas conjunturas.

Como deverá então funcionar um moderno Departamento de Cirurgia num Hospital com ensino pré-graduado e um longo compromisso com a formação dos cirurgiões e as iniciativas de Educação Médica Contínua? Num artigo apologético de uma escola que sobrevive dignamente para além do seu maior responsável, estará deslocada a análise exaustiva de todas as componentes desse departamento, de resto extensamente abordadas em artigos anteriores. Valerá, antes, recordar os aspectos mais relevantes da personalidade riquíssima do Prof. Joaquim Bastos, que os seus colaboradores assumiram como referência.

Como noutras circunstâncias tenho apontado, o passado não é aquilo que já não presta mas o que conserva um sentido para o futuro. À luz deste axioma posso hoje rememorar o importante legado do Prof. Joaquim Bastos para a Cirurgia Portuguesa.

A pontualidade e a assiduidade ao trabalho foram sempre aspectos que todos respeitámos. De tal modo é assim que ainda hoje nos sentimos em pecado mortal quando, mesmo com razão, chegamos atrasados ao serviço. Nós não precisávamos que o Professor estivesse presente para começarmos a trabalhar cedo, indo tantas vezes além dos

horários estipulados, sempre em função das necessidades dos doentes e do serviço.

Numa altura em que as diferenças entre Propedêutica, Patologia e Clínica Cirúrgica estão naturalmente esbatidas, pois da sua separação rígida resultam inconvenientes formativos evidentes, recorro, com saudade, ao carinho e consideração com que há anos a Propedêutica era tratada, não só entre todo o pessoal do Hospital e da Faculdade, como entre os doentes. Esta distinção era para nós uma tremenda responsabilidade, mas enchia-nos de orgulho.

A verdade é que a Propedêutica era, naquele tempo, a última grande barreira do curso, dando o seu estatuto de disciplina extremamente formativa o tom para a parte final do mesmo. O grau de exigência na avaliação final era um assunto que merecia aos alunos o maior respeito. Ninguém se atrevia a apresentar-se a exame sem que sentisse ter-se preparado devidamente, ao contrário de muitos outros exames em que os alunos se dispunham a viver destemidas aventuras. Com a sabedoria que o recuo do tempo nos permite, podemos dizer que aquelas exigências tinham um forte sentido formativo, obrigando a encarar o estudo da semiologia e da fisiopatologia como uma trave mestra da nossa formação pré-graduada. Ultrapassar a barreira da Propedêutica Cirúrgica significava ter um importante capital de mais valias para as restantes cadeiras da cirurgia. Vivi essa condição como aluno e longe do meu espírito estava a possibilidade de um dia ser membro da equipa do Prof. Joaquim Bastos, onde pontificavam altas figuras da cirurgia portuguesa. A minha condição de patologista e de interno de cirurgia (onde entrei após renhidas provas públicas de concurso em que a informação do Professor foi decisiva) concederam-me algumas facilidades, tanto mais que sempre optei pelo regime de dedicação exclusiva independentemente de esse regime não estar na altura oficialmente consagrado. Assim fui ganhando a confiança do mestre e, sempre disponível, estabeleci a ponte entre os Serviços de Propedêutica Cirúrgica e de Anatomia Patológica, onde a figura austera do Professor Amândio Joaquim Tavares dava o acordo para o género de colaboração que me cabia cumprir. Estas duas personalidades contribuíram para o meu enriquecimento, numa época de extrema exigência e com um claro sentido do valor das hierarquias. Quando a arruaça se abateu sobre as nossas instituições, felizmente ambos foram poupados aos vexames que outros não puderam evitar. Julgo ter honrado a preciosa herança que me legaram, pois em nenhuma circunstância me verguei a verbalismos estéreis, julgamentos sumários, saneamentos selvagens ou tentativas de nivelar por baixo as estruturas hierárquicas que deviam manter o país na senda da aproximação europeia que, alguns, lucidamente, recomendavam.

Joaquim Bastos era filho de um ilustre professor da Faculdade de Medicina, mas os laços familiares não lhe seriam necessários para se catapultar aos mais altos postos profissionais. Bem pelo contrário, teve ainda de suportar as pressões da bem conhecida inveja portuguesa, mas soube sempre colocar-se num plano superior, não acessível aos mais mediócras.

Recordo como aluno o nosso notável Professor. As suas aulas eram fonte de profundos e indispensáveis conhecimentos e nelas já se percebia o que hoje, para alguns e só para alguns, parece fundamental: no emaranhado dos múltiplos conhecimentos é necessário decidir, a linguagem equívoca deve ser evitada, a distinção entre Propedêutica, Patologia e Clínica é claramente artificial, a colaboração multidisciplinar é fundamental e, para além de tudo isto, torna-se indispensável fazer boa assistência, pois só assim se tratam bem os doentes e consequentemente se faz boa docência e investigação clínica de qualidade. Nos tempos que correm, em que pequenas figuras se põem em bicos de pés para que se dê por elas (nem que seja por más razões), a figura gigantesca de Joaquim Bastos ganha, ainda, mais relevo e deve conservar realmente um sentido para as nossas vidas.

Joaquim Bastos é efectivamente um dos responsáveis pela modernização da cirurgia portuguesa e pagou muito por ter tido razão antes do tempo. É hoje consensual a necessidade das auditorias em cirurgia: Quantas vezes nos falava o Professor na importância de sabermos “o que andamos a fazer” e, numa demonstração da sua capacidade de liderança, passando das palavras para os actos, encarregava alguns dos seus colaboradores de saber o que se passava em várias áreas da actividade do serviço. Assim estavam criados os embriões das futuras sectorizações flexíveis que dois dos seus colaboradores (Valdemar Cardoso e Cardoso de Oliveira) em tempo oportuno e quase coincidentemente puseram em marcha nos serviços que dirigiam e que posteriormente vieram a fundir-se no actual Serviço (ou Departamento) de Cirurgia B do Hospital de S. João/ Faculdade de Medicina do Porto. Seja-me permitida uma referência particular à Cirurgia Endócrina. Efectivamente, nas numerosas áreas da actividade do serviço a rever coube-me a tireóide, para o que me rodeei de muitos jovens que, na sua condição de internos gerais e complementares, me deram preciosa ajuda. As motivações para o desenvolvimento da Cirurgia Endócrina devem ao Prof. Joaquim Bastos o mais importante: a ideia da sua necessidade. Quando, regressado de Angola, após ter cumprido o serviço militar, lembro-me, como se fosse hoje, de ele me ter dito “olha que nisto dos tumores da tireóide vai uma grande confusão que necessita que alguém oriente”. A escassez das casuísticas e a falta de apoio multidisciplinar levou-me a adiar por algum tempo a magnífica proposta que me foi feita. Por isso, alguns anos após o meu doutoramento, retomei aquela sugestão e escolhi como tema de trabalho, que depois apresentei na minha lição de síntese no concurso de agregação “o carcinoma da tireóide”.

Para além destes instrumentos hoje considerados fundamentais em qualquer moderno Departamento de Cirurgia – auditorias, conferências de mortalidade e morbidade e sectorizações – o Prof. Joaquim Bastos não descurou a indispensabilidade da investigação clínica. E, para isso, não se limitou a dar-nos sugestões, antes liderou a elaboração de alguns trabalhos que ainda hoje impressionam pela sua qualidade. Entre estes destacamos os tumores primitivos do espaço retroperitoneal, entidade com uma grande riqueza semiológica, que continua a ser pouco considerada nos grandes livros de texto. O Professor, numa época sem computadores nem registos dignos de total confiança, soube coligir uma das mais ricas casuísticas mundiais e fez sentir a enorme importância de sabermos o que acontece aos nossos doentes. Nessa época heróica de investigação clínica, tive a imperdível possibilidade de colaborar nesse estudo para o que me dirigi aos doentes e/ ou seus familiares e, nalguns casos, tive de me socorrer de autarcas ou padres, com quem partilhei algumas boas merendas. O trabalho em referência tinha um forte pendor anatomo-clínico, ficando demonstrada a

dificuldade em definir as linhas celulares e a malignidade nos tumores mesenquimatosos, aqueles que são a variedade mais frequente dos tumores primitivos do espaço retroperitoneal. Quando, com a ajuda do microscópio electrónico e da imunocitoquímica, se puderam definir melhor as referidas linhas celulares, Joaquim Bastos, em processo de retirada, deu-nos o exemplo da sua persistência e entusiasmo, tendo revisitado a velha casuística. Ainda hoje, como tema de trabalho para os alunos, mantenho os tumores primitivos do espaço retroperitoneal e, entre a bibliografia aconselhada, destaco os trabalhos de Joaquim Bastos e colaboradores. Outros trabalhos notáveis foram o do destino dos falsos cistos do pâncreas e o das consequências das esplenectomias, para só citar alguns que relembro mais facilmente. Já nessa altura era uma cirurgia baseada na evidência, então apoiada em casuísticas do velho serviço de Propedêutica Cirúrgica. Sendo um espírito desempoeirado e virado para o futuro, Joaquim Bastos nunca foi um entusiasta precipitado na adesão às novas modas em Cirurgia. Preferia sempre esperar a confirmação dos reais benefícios para os doentes para então entusiasticamente se lançar na sua adopção. Também aqui o Professor nos deu, sob o ponto de vista ético, mais uma lição.

Para além da sua condição de cirurgião e professor eminentes, o Professor Joaquim Bastos era uma figura da sua querida cidade do Porto. Com uma passagem fulgurante pelo liceu Alexandre Herculano, onde, como aluno, tive a possibilidade de o ouvir falar em nome dos antigos alunos, Joaquim Bastos cultivava muitos outros valores. Entre eles destaco a sua dedicação pela Família, permitindo-me recordar a figura elegante e profundamente humana da sua Esposa.

Para meu gosto, e aqui reconheço alguma subjectividade, Joaquim Bastos não podia deixar de ser um dragão. Foi-o sempre, desde a altura em que sobretudo tínhamos tristezas, até a época de ouro do clube de que muito nos orgulhamos. Como é óbvio, o Professor não cultivava provincianismos deslocados, antes reconhecia valores que mereciam respeito. Algumas vezes sofri com ele nas bancadas, numa comunhão de afectos reconfortante. As suas críticas às opções dos dirigentes, do treinador e dos jogadores, iam mais no sentido de que pudessem por estes ser contrariadas e assim esperar que todos pudessemos começar a semana com melhores humores.

Joaquim Bastos era também uma figura extremamente popular e todos nós recordamos as suas “acesas” discussões com o saudoso Manel do bar que, sabe Deus por que razão, era um furioso benfiquista. Tempos que não voltam, em que apesar das dissidências desportivas, o respeito pelos mais altos valores nunca era subvertido pelo futebol.

Quando nos inícios de Março de 1985 me transferi para o antigo Serviço de Cirurgia 3 (então dirigido pelo Prof. Giesteira de Almeida que, para o efeito, me convidou) toda a gente vaticinou o fracasso dessa iniciativa. Não esqueço as múltiplas dificuldades da minha nova missão e recordo mesmo que foram quase unânimes as opiniões dos meus amigos - tratava-se de uma tarefa muito susceptível e com muitas hipóteses de não ser bem sucedida. E se é verdade que alguns me foram dando algum ânimo, posso hoje com franqueza e reconhecimento dizer que o incentivo do Professor Joaquim Bastos foi para mim fundamental. Tendo-se retirado da sua actividade profissional no Hospital e na Faculdade com grande dignidade, continuava a frequentar o seu (nosso) Serviço de Cirurgia 4 com o entusiasmo de sempre. Entre as muitas provas de amizade e consideração recebidas destaco uma visita que o Prof. Joaquim Bastos me fez no meu novo, desconfortável e partilhado gabinete, e recordo as suas palavras como se agora tivessem sido proferidas: “Já sabes, rapaz, que se precisares de alguma coisa, estou à tua inteira disposição”.

Das alterações que fui introduzindo na orgânica do meu então novo serviço (Cirurgia 3), contando sempre com a ajuda, benevolência e solidariedade do Prof. Giesteira de Almeida, dei conhecimento ao Prof. Joaquim Bastos, e sempre que me apresentei em público nunca deixei de lhe agradecer a sua tremenda responsabilidade e ajuda na minha formação.

E o tempo foi correndo até que alguns problemas de saúde lhe foram perturbando a magnífica jovialidade. Quando o visitei em sua casa ainda colhi dele alguns ensinamentos, mas da última vez que o vi no Hospital só pude, em silêncio, curvar-me perante a figura do lutador que tudo venceu, mas que agora se encontrava em grandes dificuldades. O Professor morreu quando eu me encontrava muito longe de Portugal, tendo assim ficado impossibilitado de o acompanhar por uma última vez.

Numa época sem valores, em que pontifica o compadrio e a mediocridade, resta à minha geração poder exhibir o privilégio de ter contactado com uma tão insigne figura da nossa Faculdade / Hospital. Por isso, no momento em que na minha condição de professor catedrático mais antigo me foi dada a possibilidade, no exercício de uma das poucas tradições que ainda se mantém, de escolher qual a cadeira que iria reger, eu respondi sem hesitação que desejava reger a cadeira do 4º ano, uma cadeira a que o Prof. Joaquim Bastos dedicou muito da sua vida e à qual deu a importância e projecção por todos reconhecidas.

Mas, então, qual o motivo para que este artigo seja incluído no livro de homenagem ao Prof. Valdemar Cardoso? Só quem privou de perto com as duas personagens pode compreender a pertinência desta opção. O Prof. Valdemar Cardoso foi dos mais fiéis intérpretes dos ensinamentos de Joaquim Bastos, testemunho da sua mútua admiração. O seu exemplo de trabalho qualificado e de cultor da escola Propedêutica marcou sucessivas gerações de médicos. Com ele me iniciei nas lides da Cirurgia Experimental, que tanto aprecia, tendo também trabalhado na equipa D', que chefiou impecavelmente. Durante anos as circunstâncias da vida afastaram-nos, mas não toldaram o nosso comum respeito pelos valores que o Prof. Joaquim Bastos nos inculuiu. Por isso, na hora das grandes decisões para o Departamento de Cirurgia estivemos sempre juntos na defesa dos interesses dos doentes, dos alunos e das instituições que servimos.

Correspondência:

Prof. Manuel Cardoso de Oliveira
Serviço de Cirurgia B
Hospital de São João
Alameda Prof. Hernâni Monteiro
4200-319 Porto

e-mail: cardosooliveira@hotmail.com